

E N T R E M E I O

Ana de Almeida Szwarcfiter

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
2021 | ORIENTADOR: CARLOS FEFERMAN



I N T R O D U Ç Ã O

A casa como centro avançado da vida - nossa primeira morada: a **casa corpo**; a **casa lar**: nosso espaço no mundo, onde ritualizamos diariamente, nosso casulo humanizado; por fim, a **casa mundo**: entendendo que somos parte de um todo. Da natureza.

O trabalho busca explorar o encontro da natureza e da arquitetura; do corpo e do espaço; do dentro e do fora; do físico e do digital - a primeira vista parecem elementos de oposição, mas se encontram em um espaço entre.

entre natureza e arquitetura
entre dentro e fora
entre cidade e casa
entre mobiliário e arquitetura
entre objeto e olho
entre aqui e lá
entre terra e céu
entre essa página e a próxima
entre caverna e ninho
entre vazio e cheio
entre espaço e luz

(Sou Fujimoto, Futuro Primitivo, p. 140)

B I F U R C A Ç Õ E S

Se esta pesquisa e trabalho concluem esta etapa com ênfase nas questões sensoriais do corpo, apesar de considerar a importância da racionalidade, não vejo sentido em definir uma única narrativa ao entendimento. O percurso da leitura é sugerido pela ordem das páginas, mas deixo livre à intuição e a vontade na escolha de por onde começar e terminar. Em uma intenção tradicional de construção de linha de pensamento direta, percebi que meu caminho de entendimento do tema havia sido por conexões, experimentos, idas e vindas, e por que acreditar que a do leitor seria diferente? Aqui estão descritos os fragmentos desta pesquisa, mas acredito que, caso a intuição de quem o lê diga diferente da ordem colocada, organize como seu pensamento prevê.

0 9	Do Início ao Meio
2 5	Ma
3 5	Corpo, Casulo, Árvore
5 7	Arquitetura, Corpo e Natureza
6 3	Tradução
8 5	Do meio ao meio
9 3	Terra e Ar
9 9	Pedra
1 2 3	Teia
1 3 7	Meu Corpo

**DO
INÍCIO
AO MEIO**

D O I N I C I O A O M E I O

O interesse pelos conceitos de poética, corpo e fotografia e a intenção de relacioná-los à arquitetura está diretamente ligado à busca fotográfica que venho empreendendo ao longo da minha trajetória. Urbicru. Urbano Cru. Projeto fotográfico que percorreu a universidade comigo. Lado a lado como suporte. A pesquisa perspassa o vazio. Não é apenas sobre o construído, mas também as possibilidades. O novo. O branco. O vazio é o percurso em direção ao interior: o espaço da solidão e do recolhimento.

O espaço onde tudo acontece. Ele nos permite escutar a si próprio e a nós mesmos, nos levando à consciência de ser no mundo. Habitar o mundo. Existir. Olhar para si é mais difícil, mas é preciso reaprender a condição de ser humano. Perceber no vazio, a construção de um recomeço.

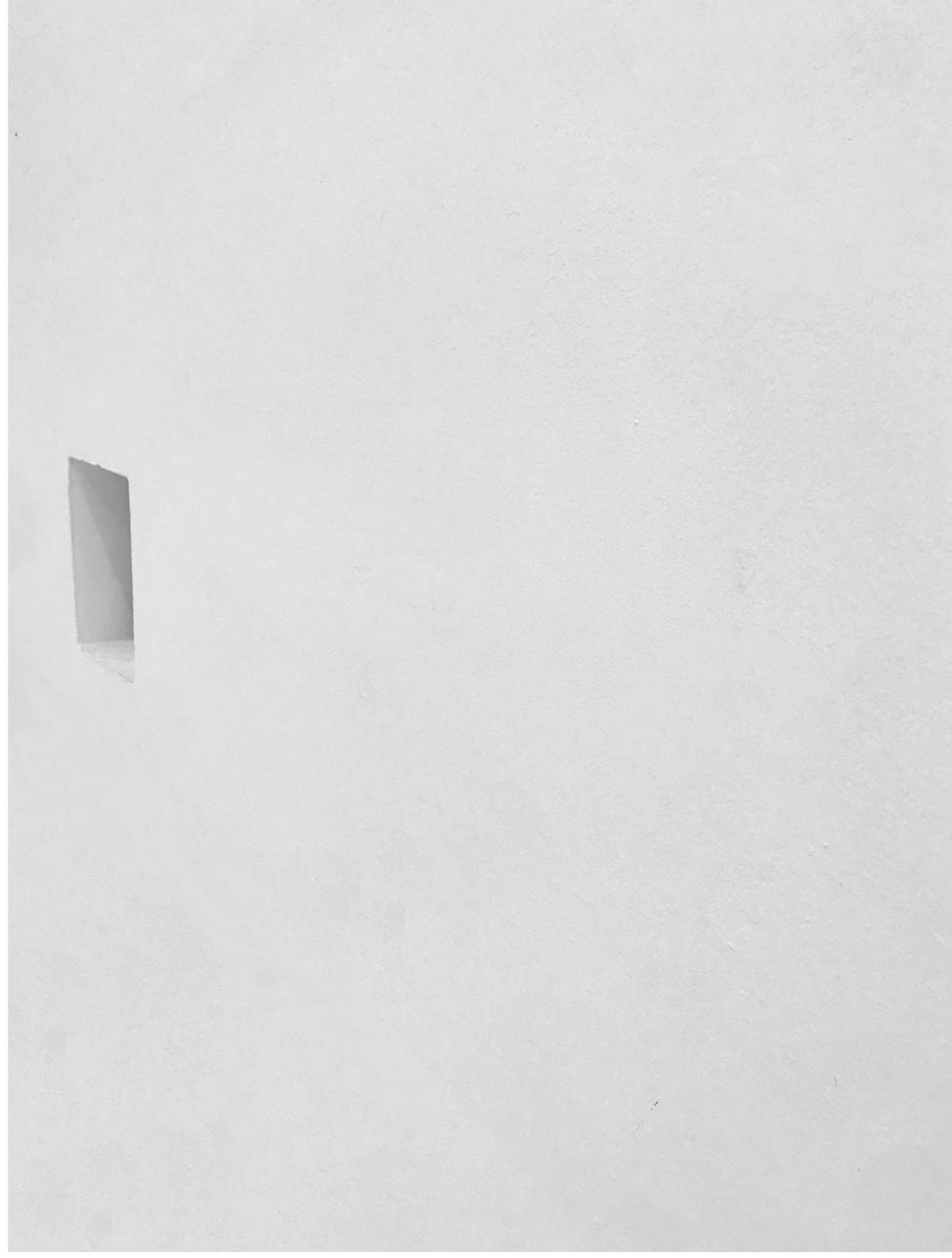
Entremeio sugere, no entanto, que nada é banal, nem mesmo os vazios, sobretudo os vazios.

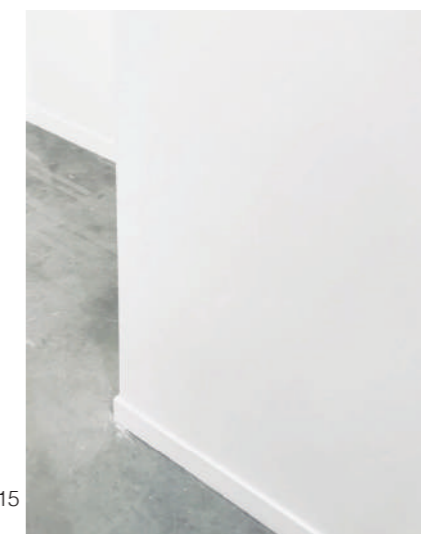
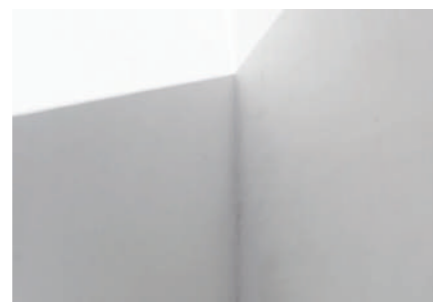
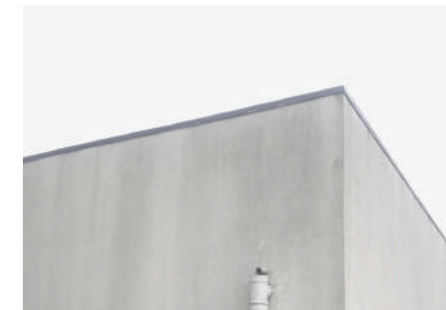
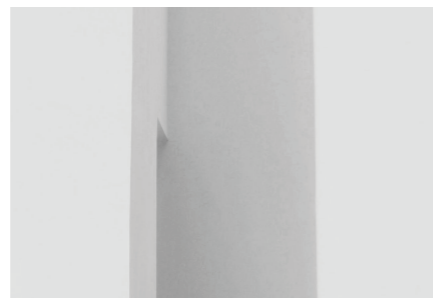
U R B I C R U

01

URBICRU é uma busca por enquadrar a realidade de determinada forma e captar um momento de fluidez do tempo.

Inicialmente, com uma câmera de celular, sem entendimentos técnicos sobre o assunto, caloura na faculdade de arquitetura, ouvindo pela primeira vez sobre forma, função e vazio; Linhas dos edifícios; Contornos; Contrastes; Empenas Cegas; Curvas; Esquinas; Quinas; Buracos; fui entendendo a minha forma de enxergar a cidade e os detalhes como possibilidade de um todo. Desta forma, vislumbrei a possibilidade de criar uma realidade irreal, uma impressão encenada, recortada e deslocada do mundo físico. Dentro de uma cidade cujos protagonistas são as luzes, cores e texturas, abro espaço para o branco e partir dele desenvolvo as minhas experimentações.





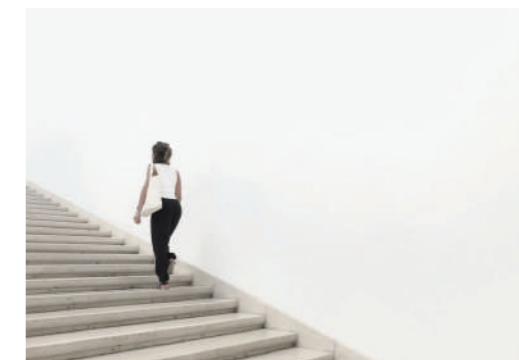
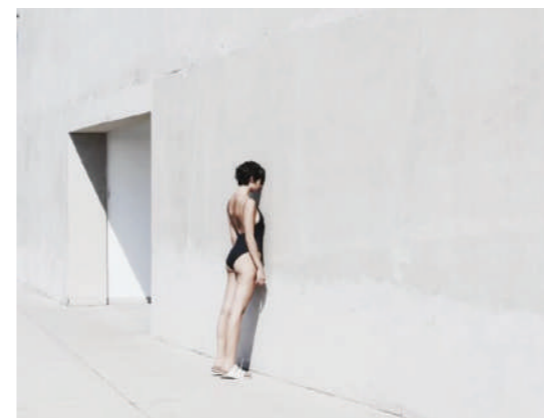
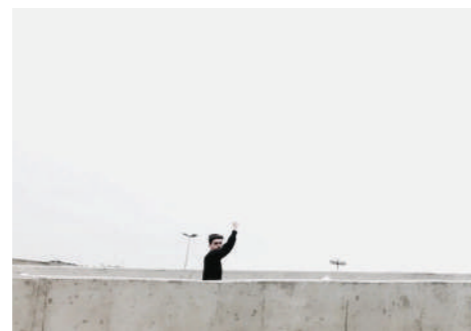
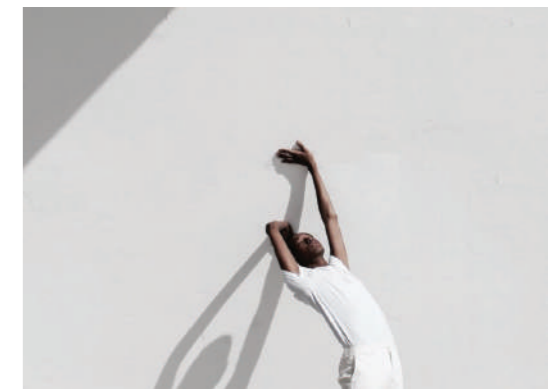
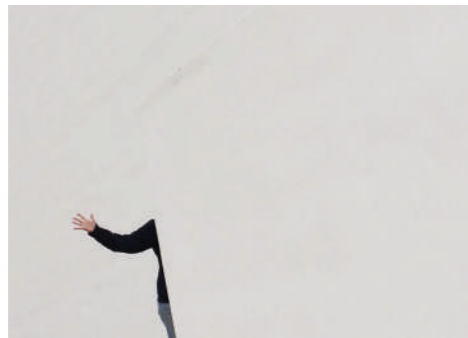
02

Em um segundo momento, a escala humana entra em cena como ferramenta de compreensão do entorno por meio de nossos corpos - Simetria, estrutura e padrões. A poética entre corpo e arquitetura é tratada com ênfase nessa etapa do percurso.

O corpo traz consigo uma experiência, o momento exato do clique, inexistente à distancia de um segundo. O movimento é impresso pela luz e pela forma arquitetônica que aquele corpo foi em um momento específico e único.

O corpo. Meu corpo. Que fotografa. Que habita o espaço oculto por tras das imagens. O espaço entre.





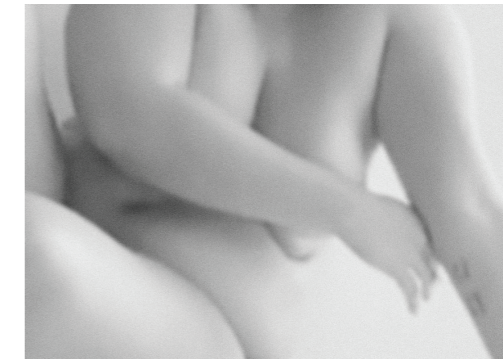
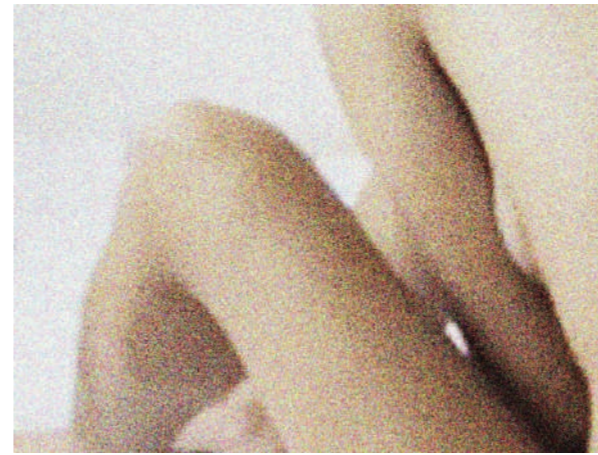
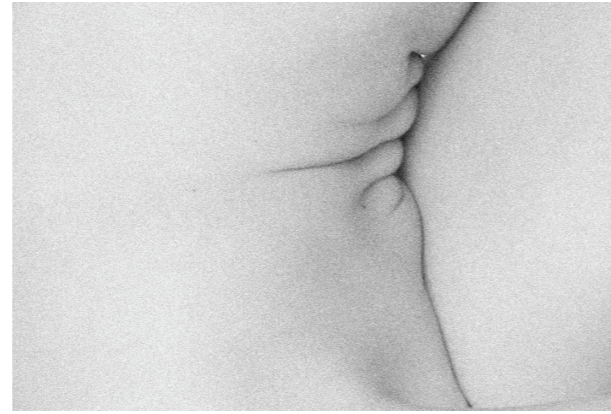
03

No terceiro e atual momento do URBICRU, o nascimento da pesquisa do TFG, o corpo em voga, suas linhas como protagonistas. As mesmas que constroem os edifícios que tanto me interessam. As reflexões em busca da experiência surgem nesse instante quando enxergo semelhanças entre as dinâmicas de fotografar e projetar. Os encontros são compreendidos nas fronteiras. No vazio. No tremido. No corpo que me acompanha.

O Corpo que inicia.

O Corpo que é início.





MA



M A

No espaço, cuja a fronteira é o vazio, surge o conceito MA. De acordo com Michiko Okano, o MA é uma forma estética, e não um conceito, uma vez que não é passível de tradução. Um intervalo pleno de possibilidades. Suas definições transcendem a relação tempo-espaço e podem ser encontradas em diversos campos das artes.

O termo reforça a importância dos espaços vazios, que seriam uma área/tempo envolta dos elementos principais, os quais sempre desempenham alguma função, mas geralmente são colocados em segundo plano.

No arquitetura Japonesa os momentos de transição são essenciais. O caminho de chegada até algum lugar é o momento de deixar para trás questões e estar totalmente imerso na experiência que está por vir. O percurso é individual, e cada corpo tem uma interpretação única da vivência.

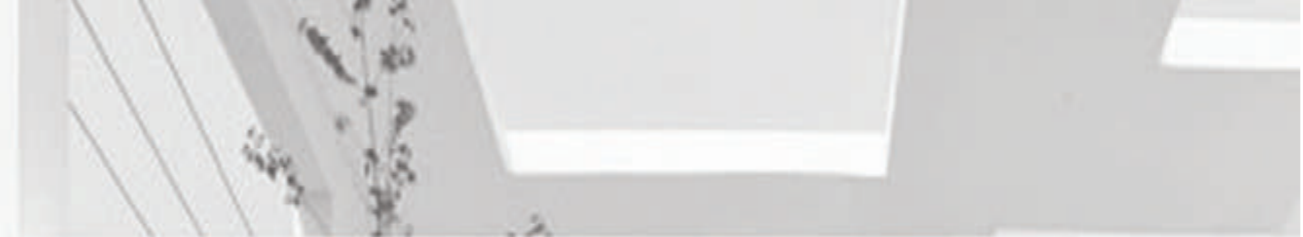
A Casa N, do Sou Fujimoto é um dos exemplos em que o MA se mostra presente na arquitetura. O projeto é composto por três caixas de tamanhos progressivos, aninhadas uma dentro da outra. A cobertura externa contorna o terreno inteiro, criando um jardim coberto semi-interno, que é dentro e fora ao mesmo tempo. Os limites não são bem definidos. O objetivo é a criação de uma arquitetura que não seja nem espaço, nem forma, mas simplesmente expresse a riqueza do “entre” casas e ruas.

Atravessar de um cômodo para outro ultrapassando pátios internos, é uma vivência do MA, um momento de pausa, presença e contato com a natureza.

No entanto, MA também poderia ser definido como uma experiência. A essência do lugar, que é vivenciada de forma diferente por cada um.



(House N | Sou Fujimoto)



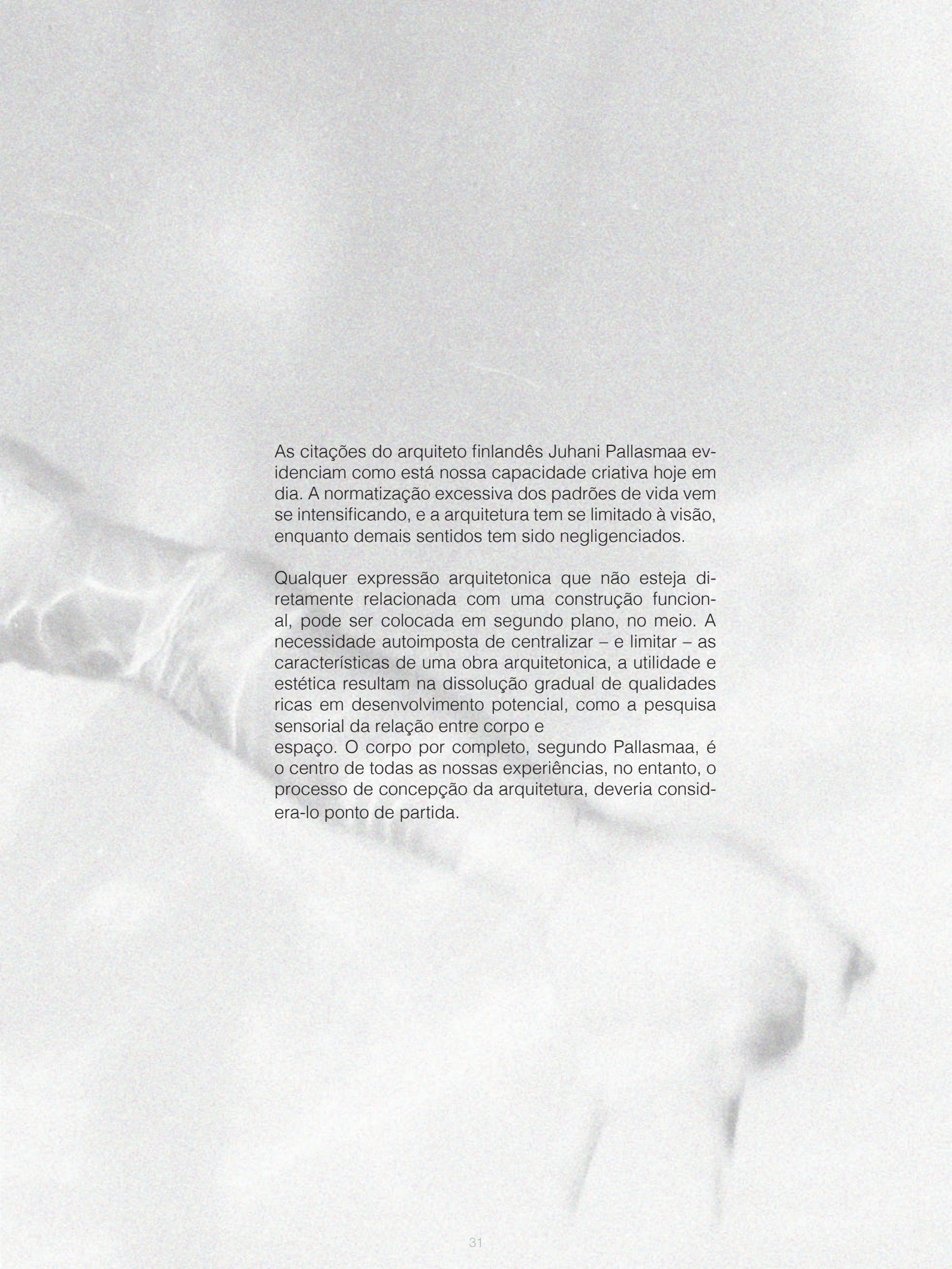
C O R P O N O E N T R E

“Enquanto nossos meios tecnológicos se multiplicam, estamos crescendo - ou nos atrofiando - perceptualmente? Vivemos nossas vidas em espaços construídos, cercados por objetos físicos. Mas, nascidos dentro deste mundo de coisas, estamos aptos a experimentar completamente o fenômeno de suas inter-relações, para obter o prazer da nossa percepção?”

(Pallasmaa)

“Para que possamos pensar com clareza, a precisão da visão tem que ser reprimida, pois as ideias viajam longe quando nosso olhar fica distraído e não focado. A luz forte e homogênea paralisa a imaginação do mesmo modo que a homogeneização do espaço enfraquece a experiência da vida humana e arrasa o senso de lugar.”

(Pallasmaa | Olhos da Pele | 2011 p. 44)



As citações do arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa evidenciam como está nossa capacidade criativa hoje em dia. A normatização excessiva dos padrões de vida vem se intensificando, e a arquitetura tem se limitado à visão, enquanto demais sentidos tem sido negligenciados.

Qualquer expressão arquitetônica que não esteja diretamente relacionada com uma construção funcional, pode ser colocada em segundo plano, no meio. A necessidade autoimposta de centralizar – e limitar – as características de uma obra arquitetônica, a utilidade e estética resultam na dissolução gradual de qualidades ricas em desenvolvimento potencial, como a pesquisa sensorial da relação entre corpo e espaço. O corpo por completo, segundo Pallasmaa, é o centro de todas as nossas experiências, no entanto, o processo de concepção da arquitetura, deveria considerá-lo ponto de partida.

Neste trabalho busco questionar o paradigma de que arquitetura é um fenômeno apenas visual. O objetivo geral é explorar uma tradução de suportes, atuando entre o 2d e o 3d. Ensaios fotográficos que dialogam com o corpo/vazio/entre foram desenvolvidos ao longo da pandemia e do processo inicial do TFG. Busquei por em prática nessas fotos materialidades que enfatizassem as relações presentes entre arquitetura e sensações, muitas delas presentes em textos de arquitetos contemporâneos como Juhani Pallasmaa.

O trabalho propõe um acolhimento do corpo para um momento de revivência. De auto análise - rever o que se encontra no avesso. Explorando diferentes escalas, métodos e suas interfaces, busca-se revelar valores desse "espaço entre", que muitas vezes permanece oculto ao olho comum.

A partir das fotos, derivo experimentações com maquetes, descobrindo caminhos para materialização das minhas imagens fotográficas, criando espaços sensoriais que serão desenvolvidos ao longo do trabalho.

“Ter uma experiência é fazer parte do mundo”

Olafur Eliasson (Playing with space and light | TED Talk)

“Entremeio” é um convite ao mergulho para dentro de si. Ao silêncio. À experiência sensorial. À compreensão do corpo como centro das experimentações humanas. A partir do momento em que olhamos para nós, verdadeiramente, sentimos o lugar tangível em que estamos inseridos e visualizamos a possibilidade de modifica-lo.



**CORPO
CASULO
CASA**



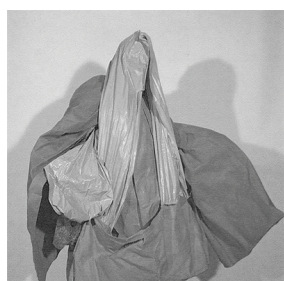
C O R P O C A S U L O C A S A

Três escalas diferentes estão sendo exploradas, expandindo os limites entre o homem e a arquitetura. A ideia é que o corpo se sinta parte e molde o espaço e não só o observe. A primeira, arquitetura como expansão do corpo, partindo da experiência de uma arquitetura de vestir; a segunda, escala do casulo, o acolhimento e o mergulho; e por último a escala da árvore, o percurso, a casa mundo.

C O R P O

Estruturas leves implantadas sobre o corpo se tornam uma extensão do ambiente pessoal. Incorporação do projeto no corpo e do corpo no projeto. A escala foca no homem como sujeito relacional e como quem define a condição e o humor do ambiente. O espectador se torna forma e o público, portanto, se torna a arquitetura, não tem programa, apenas evento. O indivíduo se desmembra em participante e construção, criando um sistema espacial efêmero, colaborativo e autônomo.





Hélio Oiticica - Parangolé



"Privacy Bag" | Nutshell

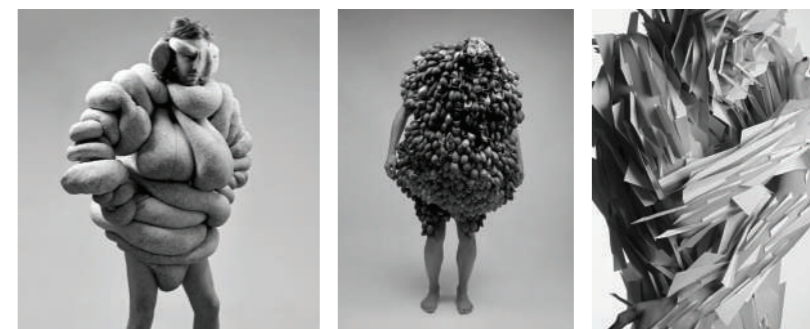


Ernesto Neto



Protect yourself from your own thoughts. | Rumi

Femke Agema 'Elders' Parade



Getting physical | Lucy McRae



Ani Krikorian: Wearable Constructs

Interface entre o corpo e seu retorno imediato. o corpo como ferramenta para desdobrar as potencialidades do processo de projetar. Aqui as roupas / construções servem como um meio para compreender que o espaço arquitetônico não é apenas eficaz ou funcional, mas precisa ser afetivo e mutável.



Máscaras Sensoriais - Lygia Clark

Quando o espectador coloca a máscara, ele entra em isolamento absoluto com o exterior. Ele está sozinho no próprio mundo. No seu próprio corpo.



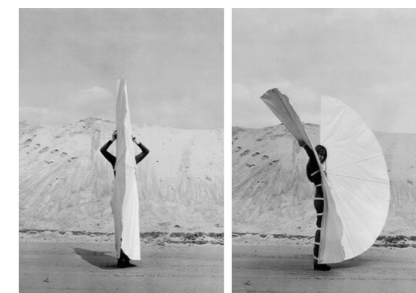
Franz Erhard Walther, Sehkanal

Daphna Isaacs | Dutch Invertuals



Artist Erwin Wurm

“As pessoas passam do sujeito ao objeto”



Rebecca Horn - White Body Fan



Peter Lindbergh

Mella Jaarsma



C A S U L O

Em uma escala um pouco mais ampliada, temos o casulo. Casca. Limitação do espaço percebida de forma sutil pelo toque e pela visão. Uma forma maleável e móvel que transpassa o limite do exterior e interior e promove o sentimento de proteção apenas por envolver. O ninho, a nuvem, a bolha. Mergulho, caminho material para dentro de si. Olhar para si e para outrem ao mesmo tempo.

Claustrofobia, transformação, útero, medo, maturação, morte. O casulo é externo, mas existe para o que está dentro se transformar. Transmutação.





Floating - Kotaro Horiuchi



A-Art House | Kazuyo Sejima

A simplicidade e a escala do necessário. O habitar entre o material e o abstrato.



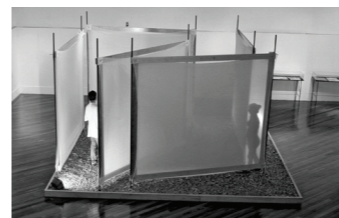
Tape Des Moines | Exposição "Drawing in Space"



Penetráveis - Helio Oiticica



A Casa é o Corpo | Lygia Clark



Penetráveis - Helio Oiticica



Blind Light | Antony Gormley

Inundação de ar criando uma experiência primitiva de imersão na névoa. Desafia os sentidos do corpo, e utilização do mesmo como ferramenta.



Liminal Air | Shinji Ohmaki



O paralelo



Inflatable Cloud | Monica Förster



Suspense in Elasticity |
Sophia Chang

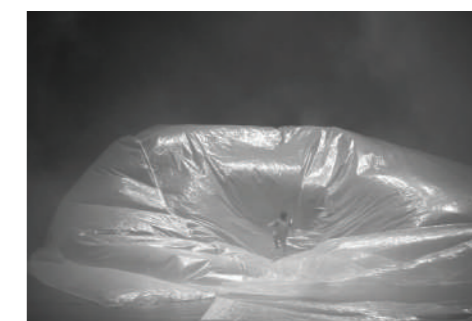
Geometrias suavizadas desta inserção de tecido expansivo enquadram as pessoas e seu contexto, enquanto confundem a experiência de interior e exterior. Ao entrar na peça, tanto o ocupante quanto o ambiente são alienados, criando uma maior consciência de si mesmo, da relação com os outros e das relações com o ambiente.



Textile Shipping Containers |
Overtreders W



Heads | Hoek van Holland



Komische Oper | Staatsballett Berlin | 2017

C A S A

A terceira e última escala a ser estudada é a da casa. Colocando o visitante em uma relação completamente livre com a arquitetura. Em um ambiente natural, você cria o próprio caminho. Se depara com obstáculos, faz escolhas. Cada um tem sua vivência singular e trilha em sua própria direção, como é o ciclo da vida.

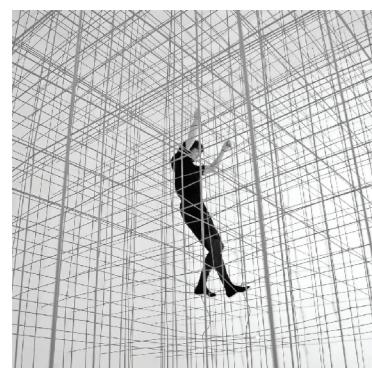
A natureza e as construções, embora diferentes, podem criar experiências espaciais semelhantes. O indivíduo conectado com esses espaços escolhe o seu próprio trajeto, descobre a arquitetura e deixa barreiras para trás. Com a experiência sensorial da descoberta, os obstáculos se assemelham às barreiras da vida e, por consequência, ao nosso propósito. Caminhando, o trajeto de olhar para si (e para o outro) torna-se instintivo. O “espaço entre” se torna muito evidente, dissolvendo os limites entre escadas e mobiliários; individualidade e integração; dentro e fora; arquitetura e floresta.



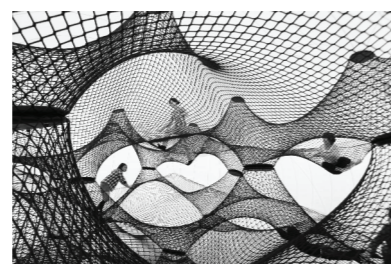
Magic Square | Hélio Oiticica
 Quadro permeável. Troca de dimensão. Só é possível sentir a obra de dentro dela.



Através | Cildo Meireles
 Não existe um ponto da onde tem-se uma visão total da obra. As partes que não podem ser observadas, provocam uma interpretação diferente para cada um. Por um lado, deixa-se para trás um passado sombrio; por outro, adentra-se então em um futuro ainda indefinido. Espaço entre.



String Bratislava



Playscapes | Ernesto Neto



The Matter of Time | Richard Serra



Grid | Coletivos CKÖ

Playful Stairs | Constant Nieuwenhuys



Cocons | MIMA



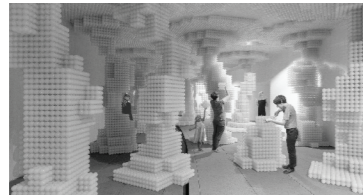
Serendipity studio | KWA architects
 Consciência do corpo através do uso de névoa.



Serpentine Pavilion | Sou Fujimoto



Buzzijungle | Jonas Van Put's
 “Inspirado na seção transversal de uma floresta tropical, o Buzzijungle desafia seus usuários a estabelecer uma residência temporária em um ambiente ao ar livre construído com espreguiçadeiras - onde eles podem desfrutar da luz que se filtra através das camadas - semelhante à forma como riachos através da folhagem da floresta”.



Hou De Sousa



Exposição subterrânea | Traf Architectural



Electric Castel Festival | Atelier Mass



Stacked Cube Installation | Sou Fujimoto
 Formação empilhada com vazios faz com que o mundo pareça ter sido pausado em forma de pixels. Quando e se ele irá se recompor, está em questão.



Gallery of WE Architecture Unveils Pixelated

ARQUITETURA
CORPO E
NATUREZA

A R Q U I T E T U R A , C O R P O E N A T U R E Z A : S O U F U J I M O T O

O NINHO E A CAVERNA

A Casa NA é um projeto inspirado nos acontecimentos em **árvore**. Os habitantes são nômades em sua própria casa, que atua como um ambiente único e também como muitos. “A vida vivida e os momentos vividos neste espaço são uma adaptação contemporânea da riqueza, uma vez experimentada pelos predecessores antigos, desde o momento em que eles habitavam árvores. Essa é uma existência entre a cidade, arquitetura, mobiliário e do corpo, e é igualmente entre natureza e artificialidade.”



Casa NA | Sou Fujimoto | Toquio | 2010

“O ninho é um espaço bem preparado para as pessoas. A caverna é um espaço não preparado para as pessoas, mas no qual gradualmente vamos encontrando o nosso local confortável para nos sentarmos, vamos descobrindo as possibilidades do espaço.”

Sou Fujimoto | Futuro Primitivo



Fujimoto acredita também no “futuro primitivo”, em que retornamos à caverna. Este conceito se opõe ao ninho, quando não moldamos o espaço, mas sim habitamos e nos adaptamos ao que a natureza nos oferece. Sem funções definidas, segundo Fujimoto, nos comportamos de maneira mais livre, as pessoas tornam-se mais criativas. Seu projeto Wooden House é a máxima de sua filosofia de “futuro primitivo”. A diversidade de espaços permite ambientes de privacidade e exposição, luz e ausência, exterior e interior. O corpo se adapta as surpresas que o projeto apresenta se reconectando com a relação intuitiva e primitiva com o espaço.



TRADUÇÃO

TRADUÇÃO DE SUPORTES

Como já trouxe Pallasma, o sentir deixou de ser fundamental no pensamento de construção arquitetônica. Foi substituído por máquinas. Imagens se tornam mercadorias. Se tornam o fim. Porém, neste meio, não acreditamos em fins. A imagem é uma fresta que se abre para novas formas.

O primeiro ato do trabalho em busca do futuro primitivo: Ensaio fotográfico. As imagens buscaram, a partir da expressão através do objeto-corpo, tatear e explorar as profundezas melancólicas do vazio; dos espaços-entre.

Em seguida, as experimentações com maquete exploram materialidades extraídas das imagens e derivam 5 categorias: casca, camada, pedra, teia e trilha. Os modelos propõem uma releitura desta referência inicial do instante fotográfico: **a experiência corporal da representação 2d pela essência dos espaços físicos sensoriais.**

As fotografias realizadas no processo de pesquisa explicitaram a insuficiência do estímulo visual para apreender as formas capturadas. Desejo vê-las além da visão. Desejo traduzi-las.

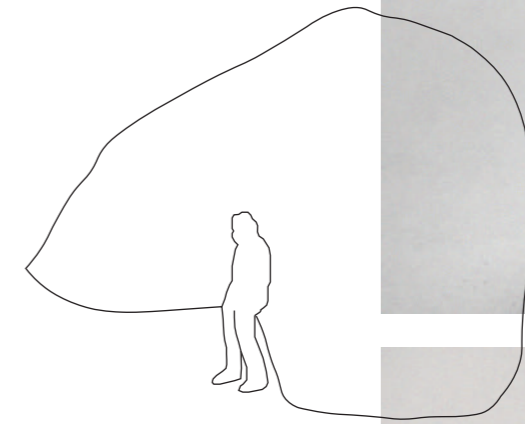
É preciso abandonar o ninho - encontrar uma caverna. Reencontrar a caverna.

C A S C A
C A M A D A
T R I L H A
P E D R A
T E I A

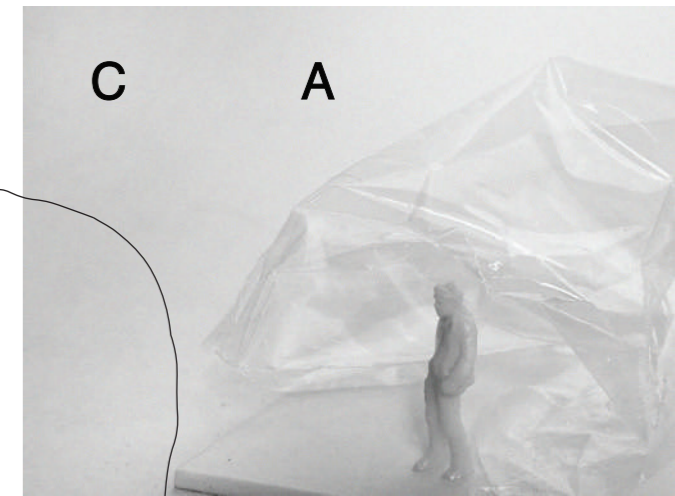
Imersão no desconhecido.
Abrigo.
Limites não definidos.
O corpo gravita.



C A S



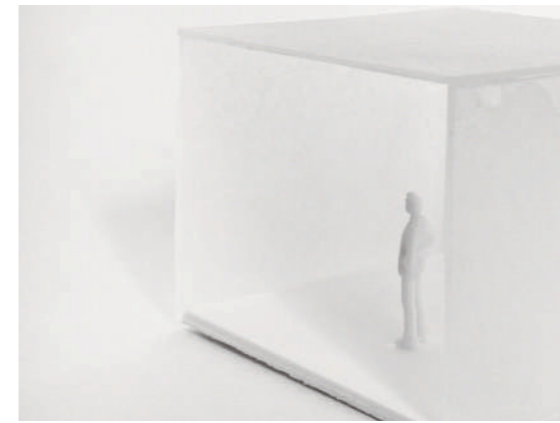
C A







O que encontramos ao caminhar?
Aonde esse caminho nos leva?
A vontade da descoberta
Conhecer o que se põe fora do alcance de nossas sensações.
Múltiplos sentidos.
Fronteiras pouco delimitadas revelam e ocultam espaços.
A transparência faz com que o espaço se revele diferente,
sempre novo, inédito.





P E D R A

Bato à porta da pedra.
– Sou eu, me deixa entrar.
Quero penetrar no teu interior
olhar em volta,
te aspirar como o ar.

– Vai embora – diz a pedra. –
Sou hermeticamente fechada.
Mesmo partidas em pedaços
seremos hermeticamente fechadas.
Mesmo reduzidas a pó
não deixaremos ninguém entrar.

Bato à porta da pedra.
– Sou eu, me deixa entrar.
Venho por curiosidade pura.
A vida é minha ocasião única.
Pretendo percorrer teu palácio
e depois visitar ainda a folha e a gota d'água.
Pouco tempo tenho para isso tudo.
Minha mortalidade devia te comover.

– Sou de pedra – diz a pedra –
e forçosamente devo manter a seriedade
Vai embora.
Não tenho os músculos de riso.

Bato à porta da pedra.
– Sou eu, me deixa entrar.
Soube que há em ti grandes salas vazias,
nunca vistas, inutilmente belas,
surdas, sem ecos de quaisquer passos.
Admite que mesmo tu sabes pouco disso.

– Salas grandes e vazias – diz a pedra –
mas nelas não há lugar.
Belas, talvez, mas para além do gosto
dos teus pobres sentidos.

Podes me reconhecer, nunca me conhecer.
Com toda a minha superfície me volto para ti
mas com todo o meu interior permaneço de costas.

Bato à porta da pedra.
– Sou eu, me deixa entrar.
Não busco em ti refúgio eterno.
Não sou infeliz.

– Não sou uma sem-teto.
O meu mundo merece retorno.
Entro e saio de mãos vazias.
E para provar que de fato estive presente,
não apresentarei senão palavras,
a que ninguém dará credito.

– Não vais entrar – diz a pedra. –
Te falta o sentido da participação.
Nenhum sentido te substitui o sentido da participação.
Mesmo a vista aguçada até a onividência
de nada te adianta sem o sentido da participação.
Não vais entrar, mal tens ideia desse sentido,
mal tens o seu germe, a sua concepção.

Bato à porta da pedra.
– Sou eu, me deixa entrar.
Não posso esperar dois mil séculos
para estar sob teu teto.

– Se não me acreditas – diz a pedra –
fala com a folha, ela dirá o mesmo que eu.
Com a gota d'água, ela dirá o mesmo que a folha.
Por fim pergunta ao cabelo da tua própria cabeça.
O riso se expande em mim, o riso, um riso enorme,
eu que não sei rir.

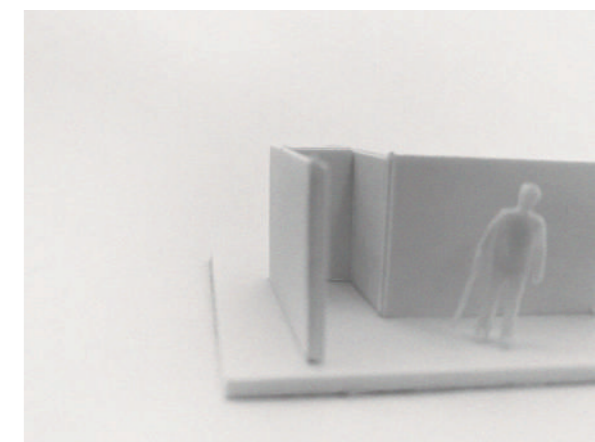
Bato à porta da pedra.
– Sou eu, me deixa entrar.

– Não tenho porta – diz a pedra.
(Wisława Szymborska)

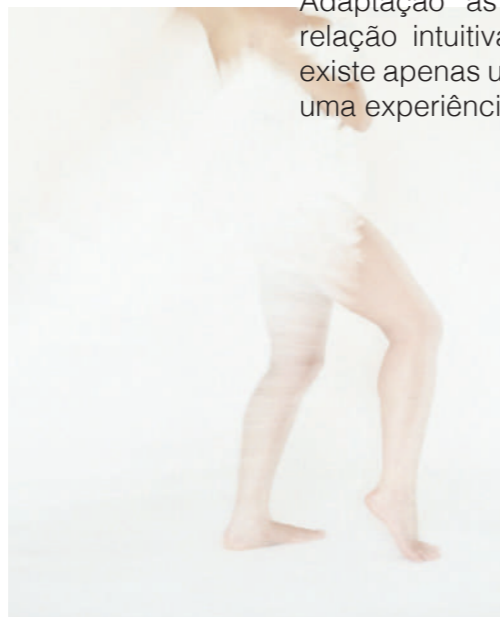




T R I L H A



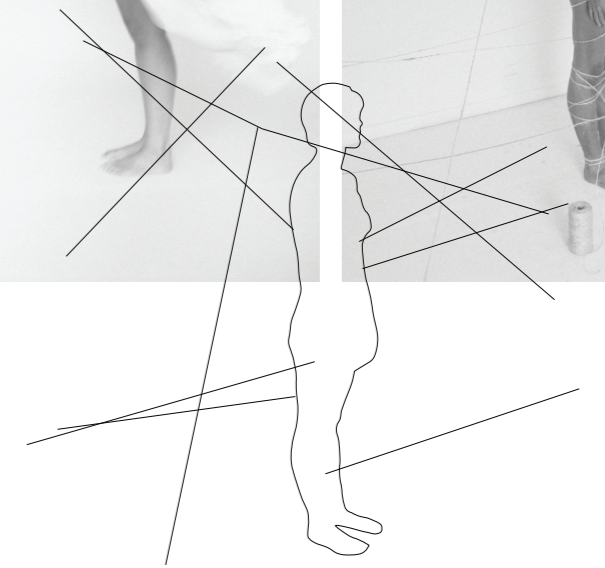
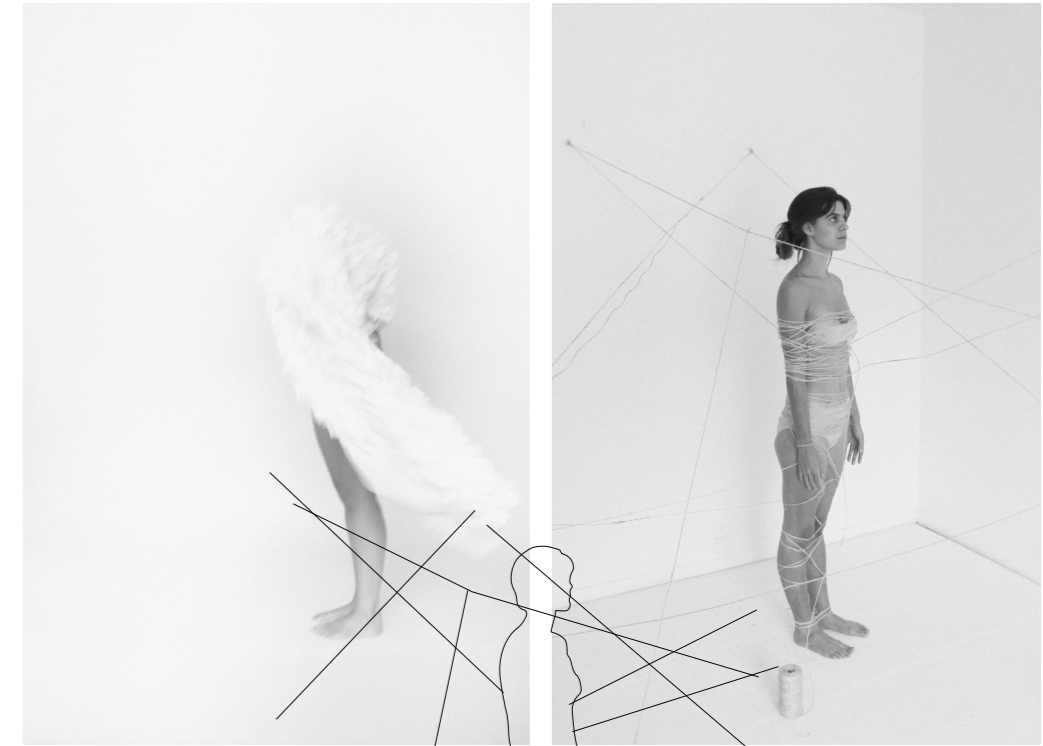
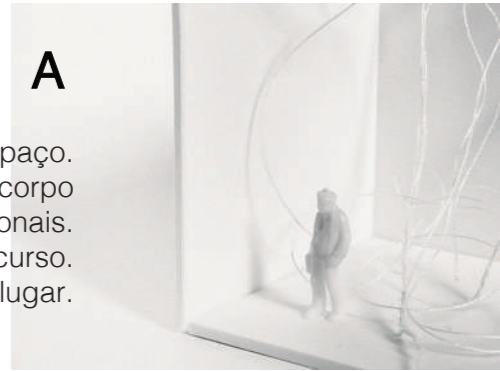
Movimento.
Caminhos indefinidos.
Possibilidades de escolha.
Olhar afetivo, transformador, inquieto - experiência sensorial da identificação. Convite a um curto caminho para dentro de si; e o caminho torna-se mais importante que o destino, dissolvendo os limites entre o corpo e o lugar.
Adaptação às surpresas, conectando-se com a relação intuitiva e permissiva com o espaço. Não existe apenas um trajeto a ser feito, e cada corpo tem uma experiência e interpretação única da vivência.





T E I A

Corpo como parte do espaço.
Fio indicando linha; direção; fluxo, tecendo no corpo
experiências visuais, sensoriais e emocionais.
Percurso.
Sugestão de volume. Essência do lugar.



C A S C A
C A M A D A
T R I L H A
P E D R A
T E I A

Espaço tangenciado pelo recolhimento, inquietude e transmutação a respeito das diversas - banais e excepcionais, ao mesmo tempo - questões que permeiam a existência.

Casca, pedra, camada, teia e trilha. Ao caminhar pelo espaço percebe-se a apropriação do corpo como direcionador e suporte de si mesmo. O trajeto é incerto, não se sabe o que está à frente ou atrás. É preciso ser guiado pela intuição.

Talvez o domínio excessivo da visão tenha nos cegado, e como estudante de arquitetura, desconsiderar o caráter visual - funcional do projeto, por um momento, me fez valorizar outras qualidades, como algo intrínseco de nossa formação, o tato humano.

A volta para caverna de Fujimoto.



**DO MEIO
AO MEIO**

Se do início ao meio, a fotografia protagonizou a pesquisa, do meio ao meio, carrego a necessidade de voltar para caverna. Encontrar-me no interior dessa terra. Me deixar mover pelos impulsos, devaneios e compreensão da matéria. A terra. O barro.

“Quando você quiser entender a vida – e a arte – com os olhos e o coração da Celeida Tostes, recolha a terra sobre a palma da sua mão e lentamente deixe-a escorrer por entre os dedos. Você então descobrirá que a vida é a ação do espírito, que impulsiona essa experiência, e do corpo, que é esse pó que sai de sua mão, dança no ar e retorna ao chão. Quanto à arte, a arte é o vento [...]

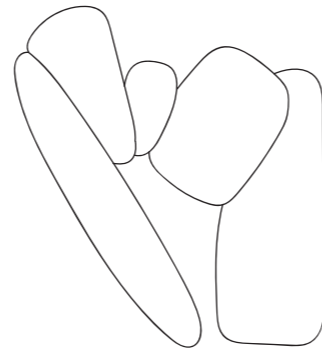
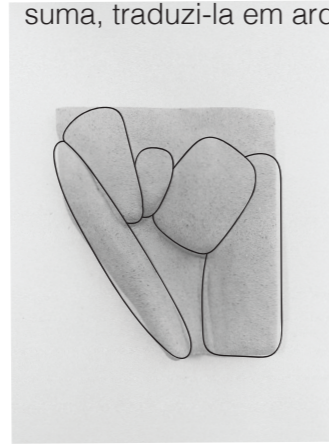
(COSTA, 2003, p.33).

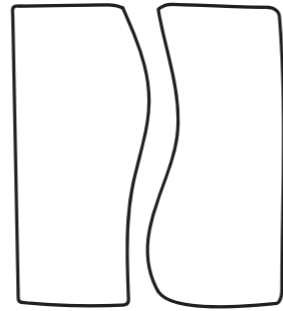


Celeida Tostes, artista que elege o barro como centro de suas experimentações.

“A memória que veio do barro”, como costumava referir seu vínculo com a terra, demonstra uma intimidade com o material e uma experimentação que vai além da forma. Um ato sensorial. O propósito não é a peça final em si, é o ato que tensiona limites. Dentro e fora; mole e duro; corpo e matéria; vida e morte. Entre.

O primeiro gesto de introdução do barro na pesquisa foi uma tentativa de materializar uma imagem. Entender suas curvas, senti-la. Ainda presa nos limites retangulares das fotografias, entendi que precisava fragmentá-la, romper seus limites, para em suma, traduzi-la em arquitetura.



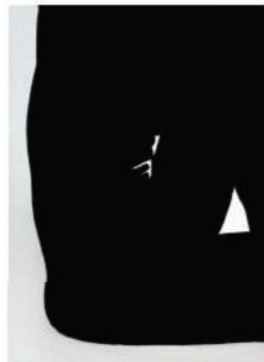


TERRA
EAR

Até esse instante do percurso, os experimentos buscavam traduções diretas das minhas fotografias para arquitetura. **Terra e Ar** se expressam agora como o acaso. O instante fotográfico. Aquilo que é, e por um segundo, poderia não ter sido. Enxergar o potencial que reside na impermanência. No entre.

Ramificações: Terra e Ar.
Da Terra, somos partículas
De terra suspensas
Sem terra não construímos.
Sem terra não somos.
Forma. Força. Corpo Físico. Estrutura, que deu início - e fim à pesquisa.
Corporizar.

Do ar ao intelecto.
A bailar o peso do chão
Na leveza.
O início. A procura.
Espaço que preenche.
Sem ar não somos.



DA TERRA À PEDRA
DO AR À TEIA

Ma. Massa maleável. Malabares mapeados.
Mãe de todas as coisas. De todos os vivos. De
todas as **pedras**. Silenciosas e envolvidas. Por
todas as **teias**. Silenciosas e envolventes. Ao
se misturar. Em vazio.

O respiro pertence
A tudo que é
Vivo.

O corpo inicia a **trilha**
E os pés permitem os olhos
Como os olhos permitem os pés.
Tudo é um, o resto
É respiro.

PEDRA

01

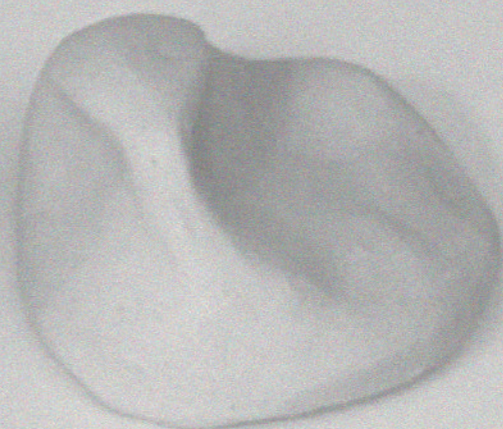
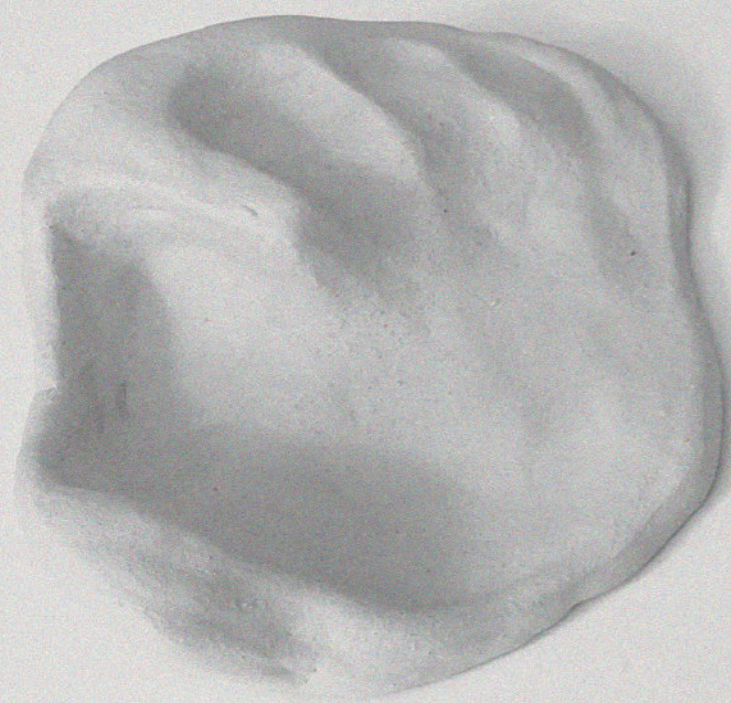


P E D R A

O barro cala todos os segredos. Recolhidos e acolhidos, Em corpo hermético. Em um gesto, que torna-se espaço. Rastro da relação corpo-barro. Massa-massa.

O primeiro momento do rito é o gesto.
O carimbo do corpo.
A pedra, torna-se forma.
Se expande. Desperta.





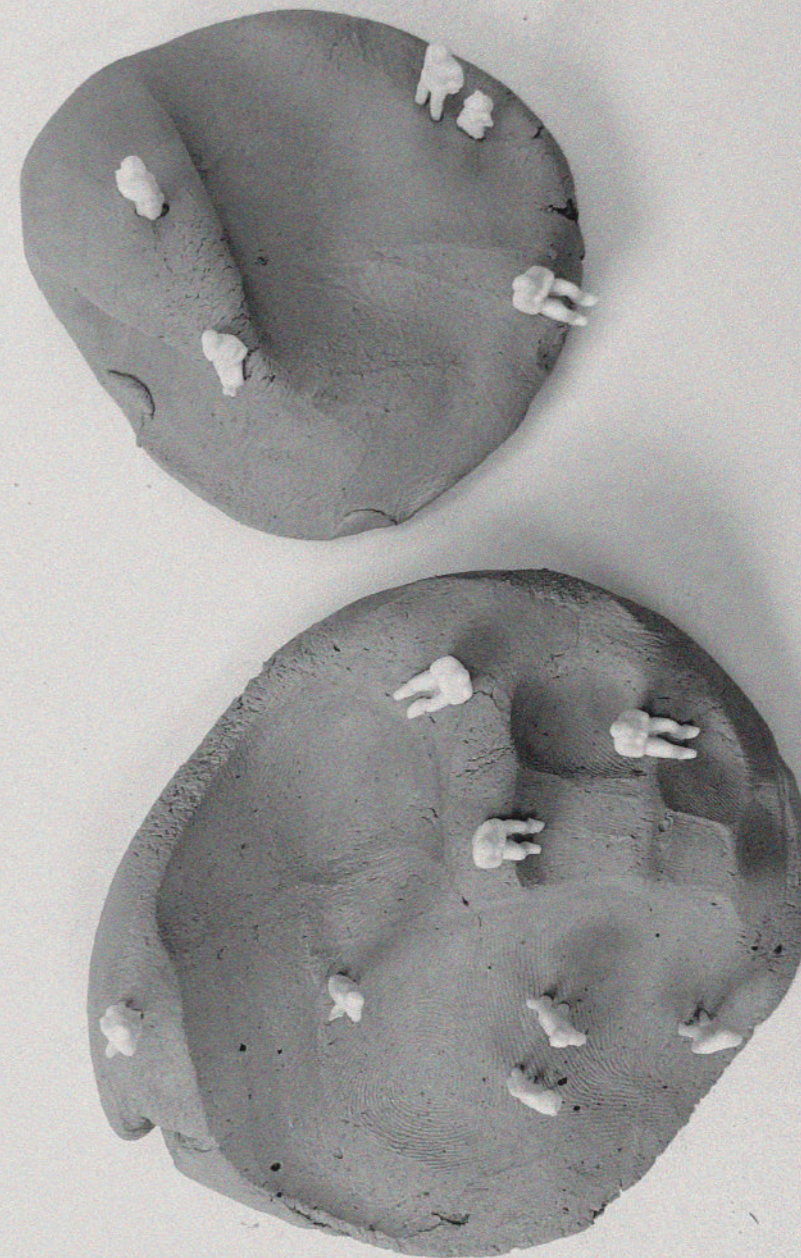
02

O segundo momento: O casulo.

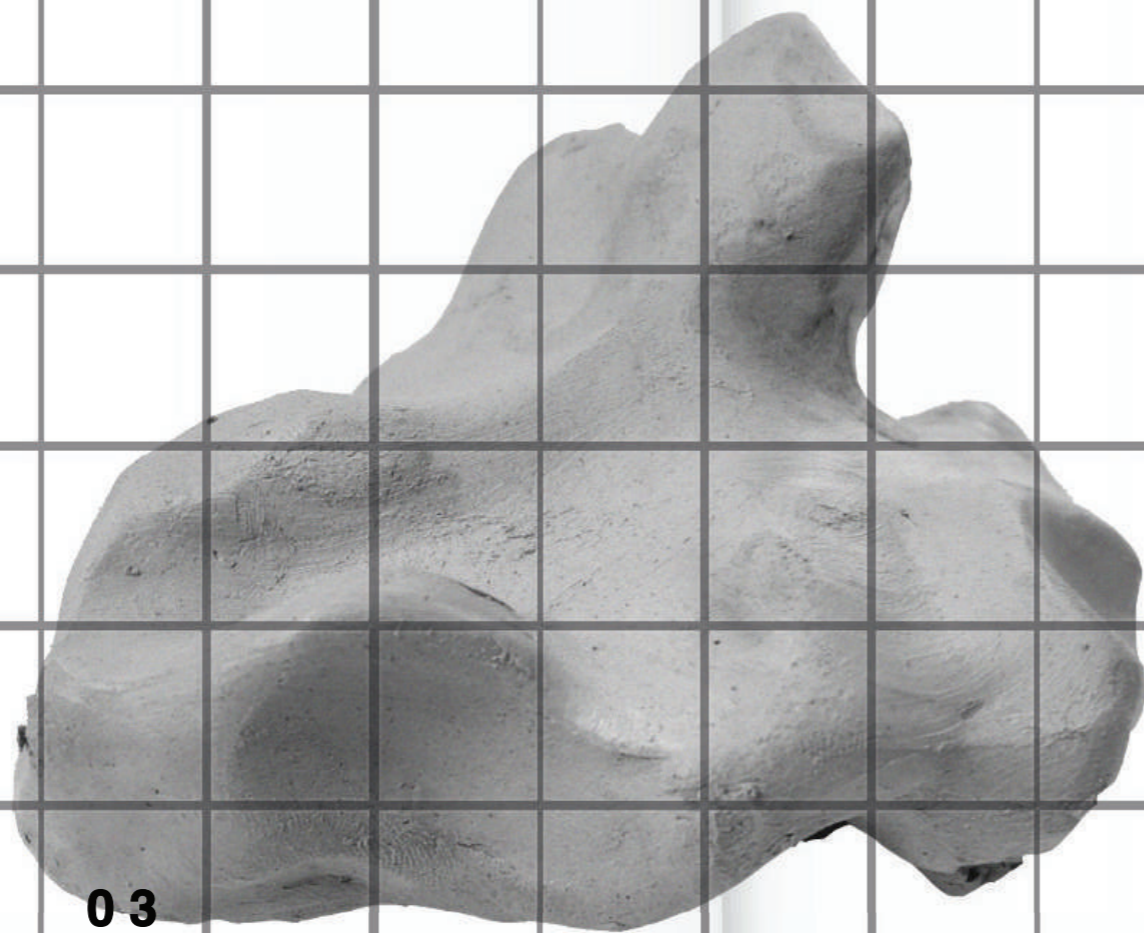
Em uma transposição escalar, a pedra torna-se lugar. Um espaço entre, desenhado pelos cheios e vazios das ausências e presenças do corpo. Espaço ocasional nos percursos e nas narrativas.

A arquitetura como manifestação corporal e construção pela experiência vivencial.

Vai além do espaço pronto, compõe-se de elementos transformáveis, maleáveis. Efêmeros



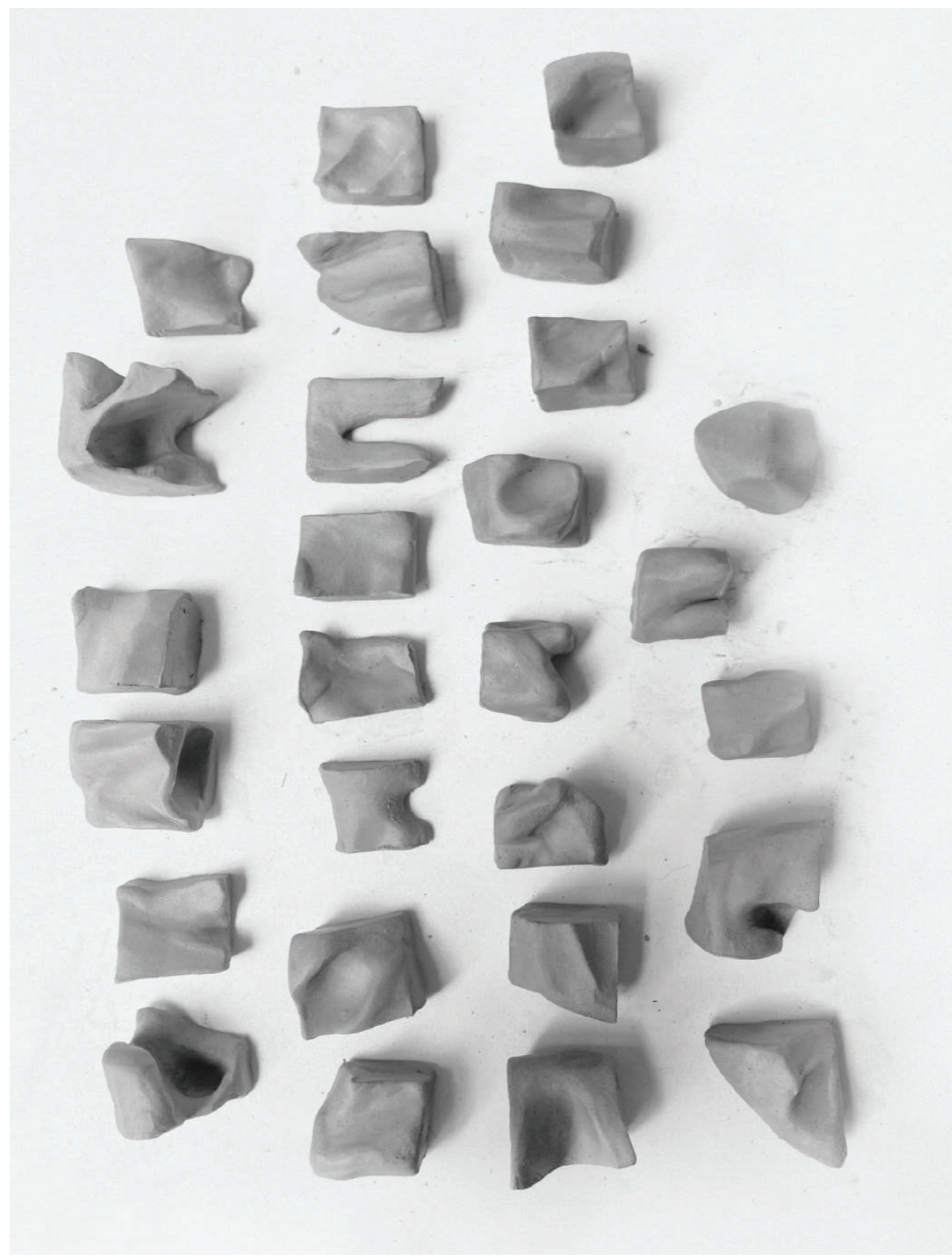
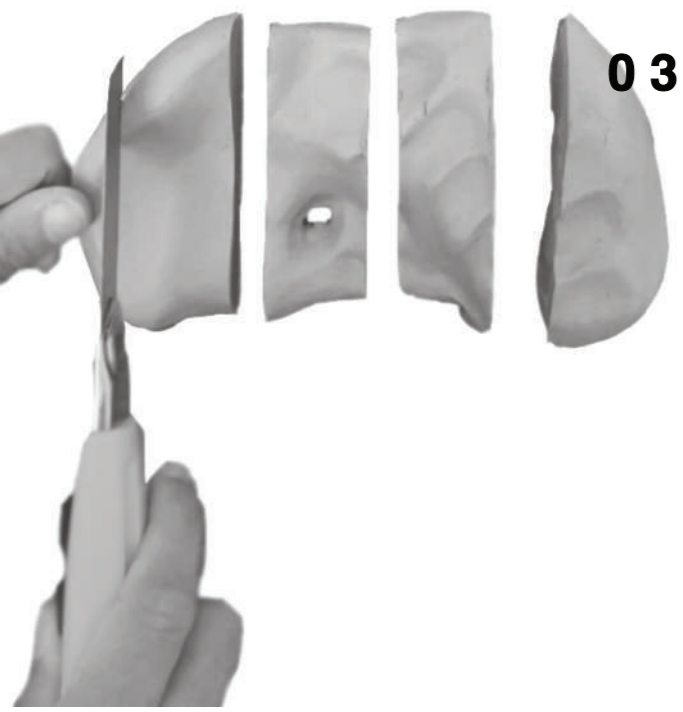
À pedra, cabe a forma
E nela, se expande
Em erosão.
Os inícios cabem
Ao que é denso.



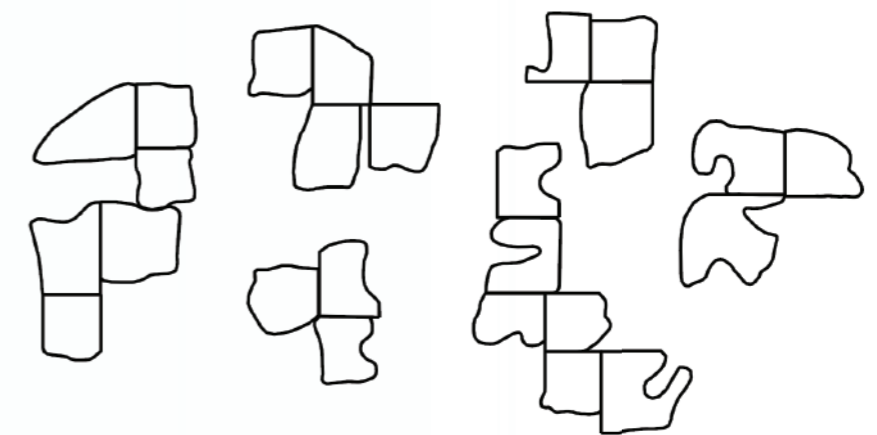
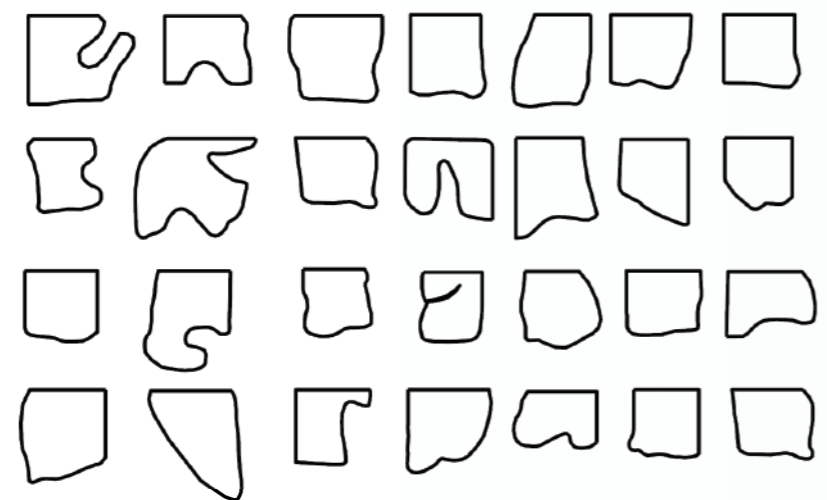
03

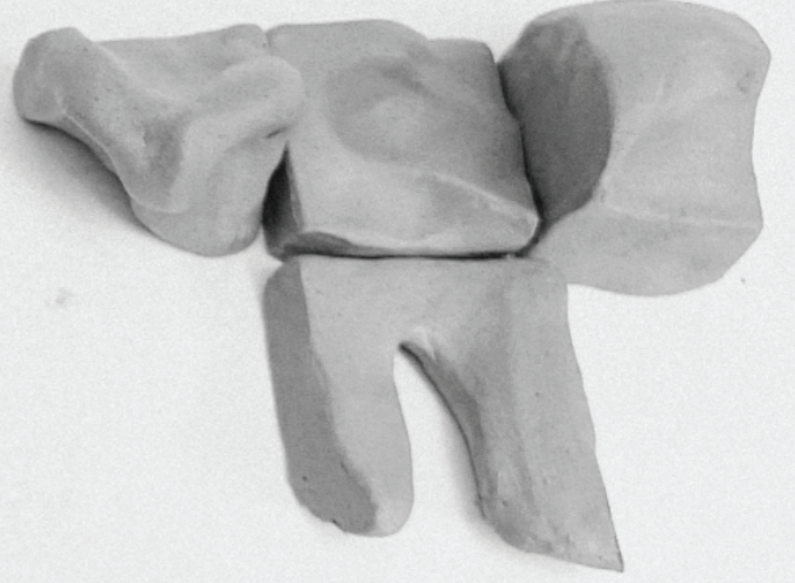
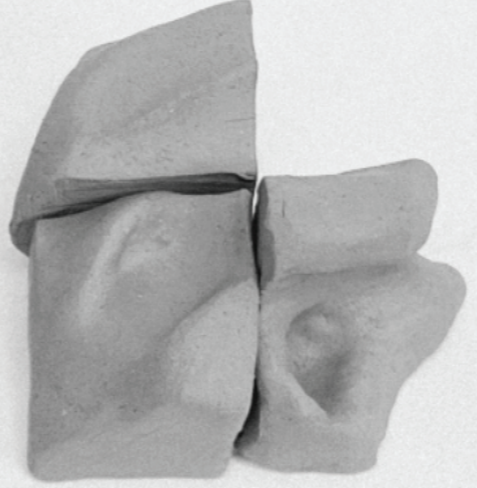
De uma malha, originam-se novas formas. Forma por forma. Nó por nó. Denso por denso. Dentro por dentro, ergue-se. Peças excêntricas, que se reorganizam, se fundem, flutuam.

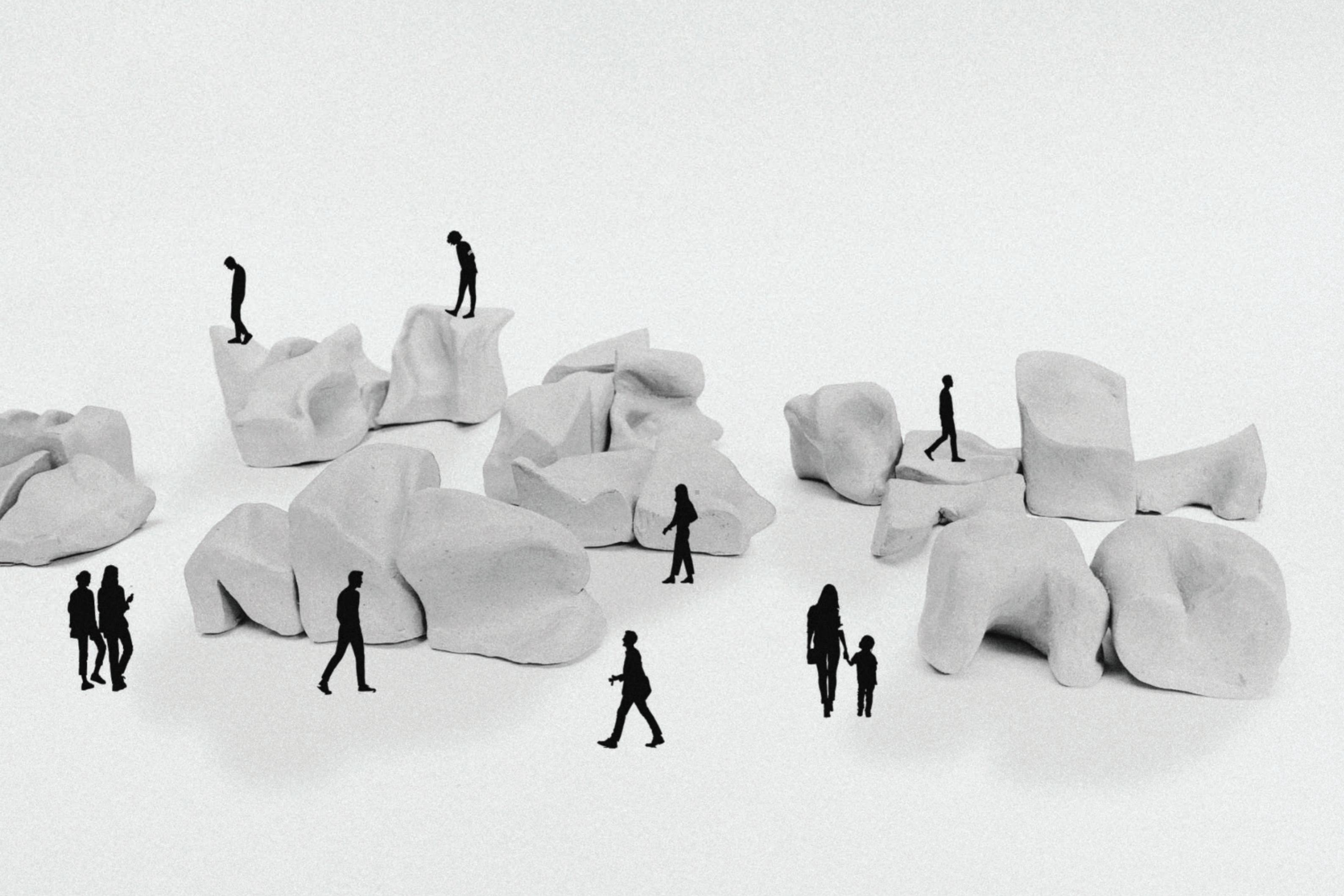
Criam-se espaços de dimensões fenomenológicas, a partir da manipulação dos elementos independentes. O corpo é início e final. É presença. Espaços sem hierarquia, que permeiam o real e o imaginário.

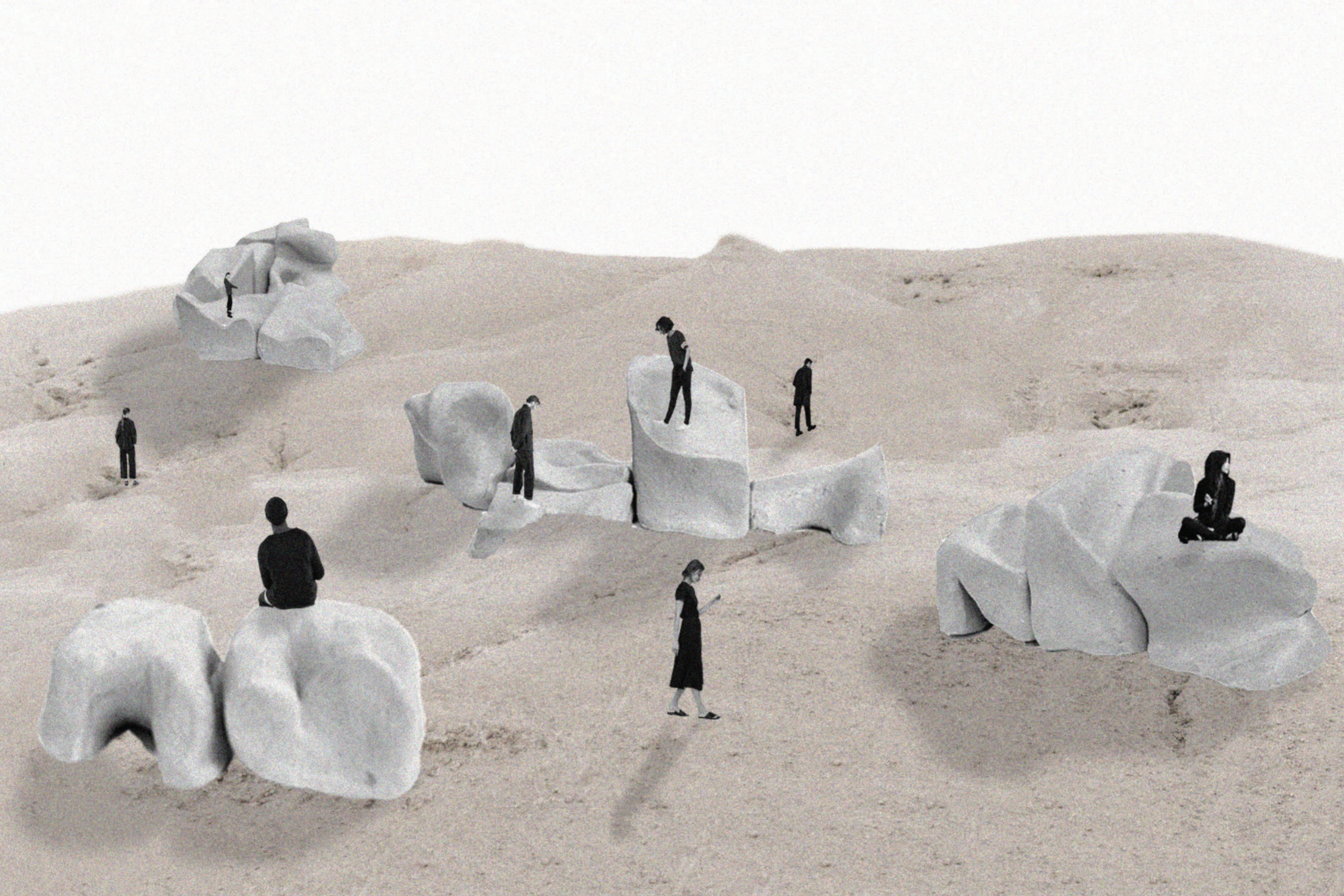


GRAMÁTICA DA PEDRA











TEIA



Teia como ar. Linha, direção, fluxo. No primeiro momento, atira-se o tecido para o alto, ergue-se o fio. Que conecta cada corpo suspenso. Da teia do tempo. A foto torna-se o entre, que um segundo após, já não é.

01

À teia, cabe o espaço
Entre seus fios, o vazio
Permite ao corpo
Embolar-se.
Ao corpo, a teia existe
No contato.
Aos olhos, pode existir
Na luz.



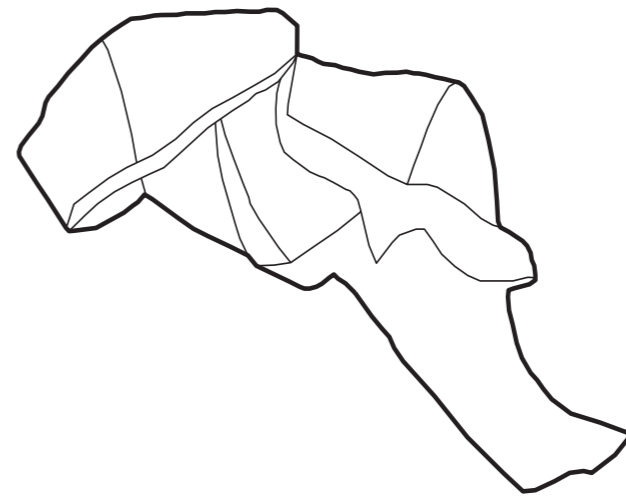
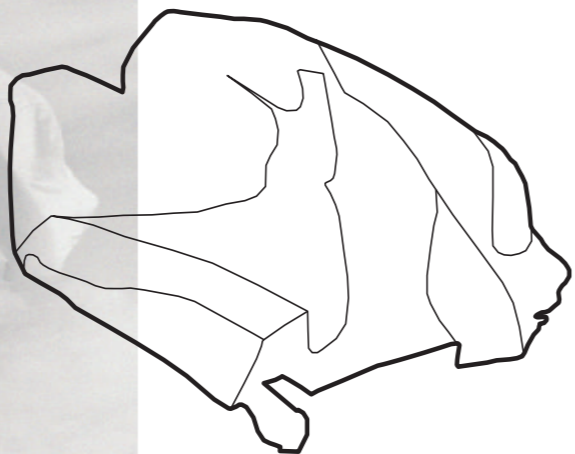
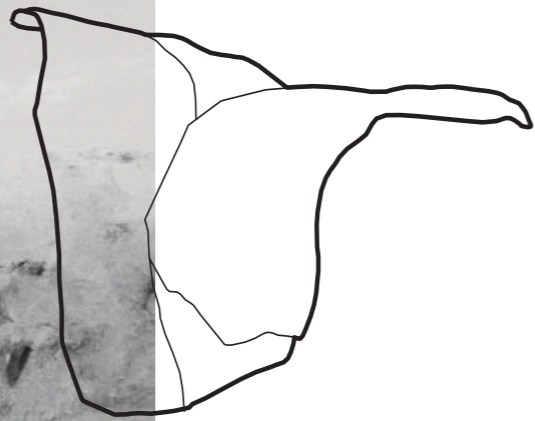
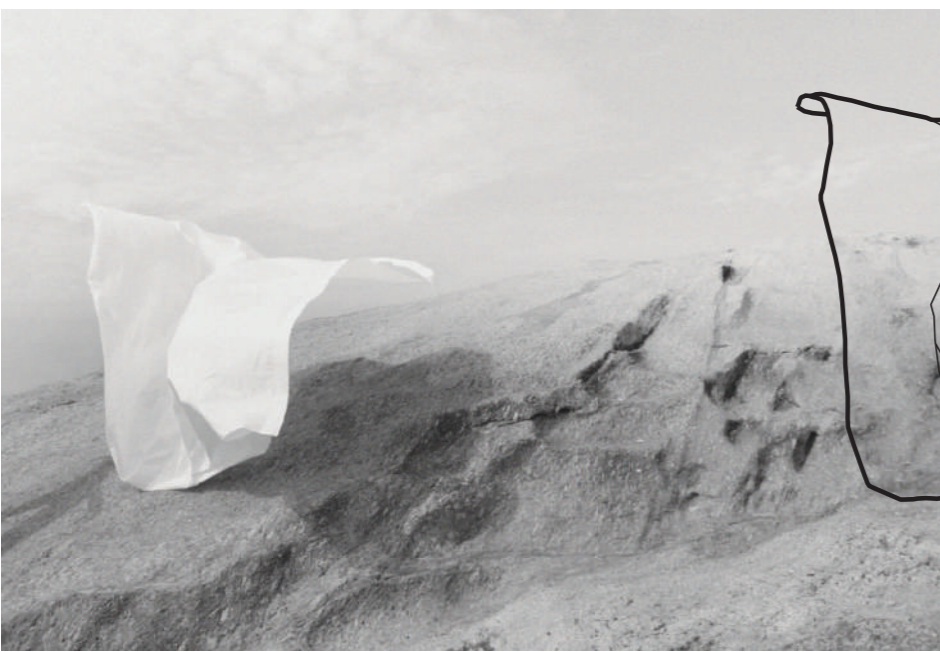
(Fotos autorais desenvolvidas em performance na pedra do Arpoador)



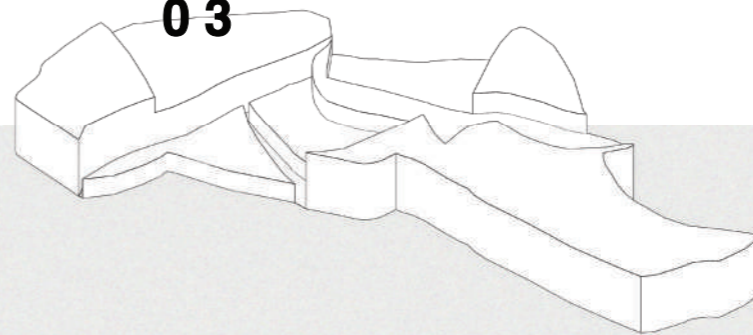


02

O segundo momento: Linhas guias. Teias. Formação acidental, que parte do corpo, e mistura-se com o ar. O Vazio. A fluidez. Não se fixam no espaço e nem prendem o tempo. Estão constantemente prontos a mudar-se. O tempo protagoniza, o espaço é apenas entre. A fotografia permanece como um fragmento desse instante, e dela, nasce a teia.



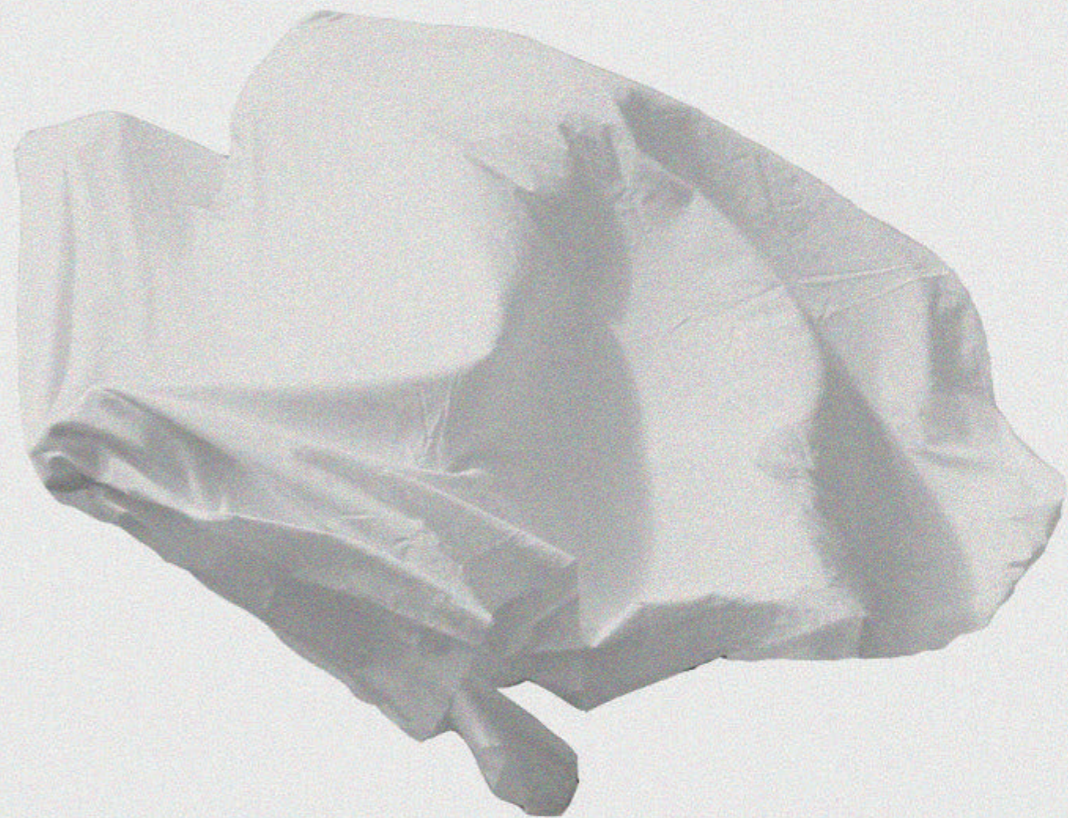
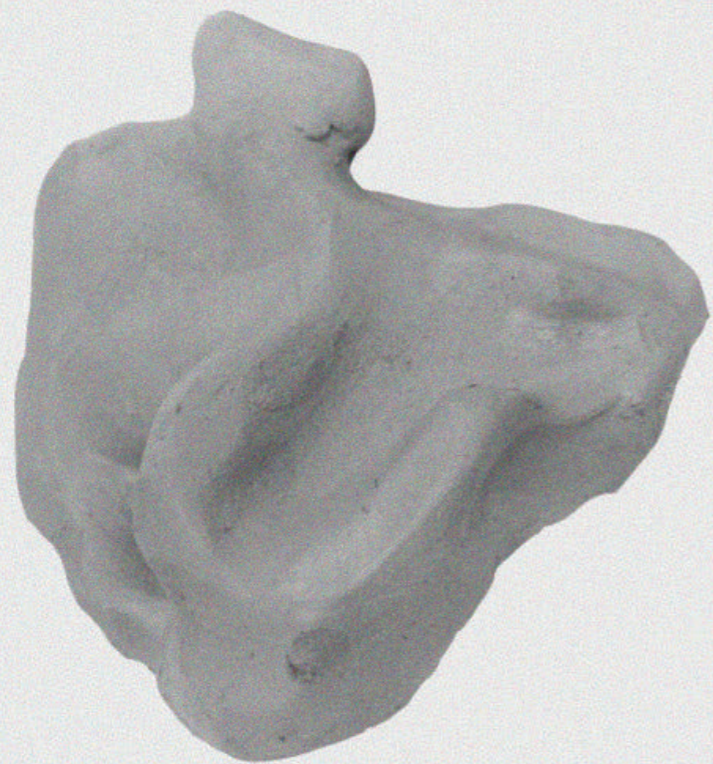
03



retorno à pedra
habitando sutilezas
no horizonte
desse chão aqui

para reformas imensas
onde sinto meus pés
no ar.





**MEU
CORPO**

Pedra e teia encerram esta etapa como ritos, proposições, propostas. Teia como linha, que direciona, enquanto a pedra materializa. Elementos em movimento. Mu-dança. Coexistem.

O corpo. Meu corpo fotografa. Meu corpo arquiteta. O corpo desta pesquisa. O movimento para encontrar o ângulo do clique - a teia. O recorte do outro corpo que enxergo através da tela - a pedra.

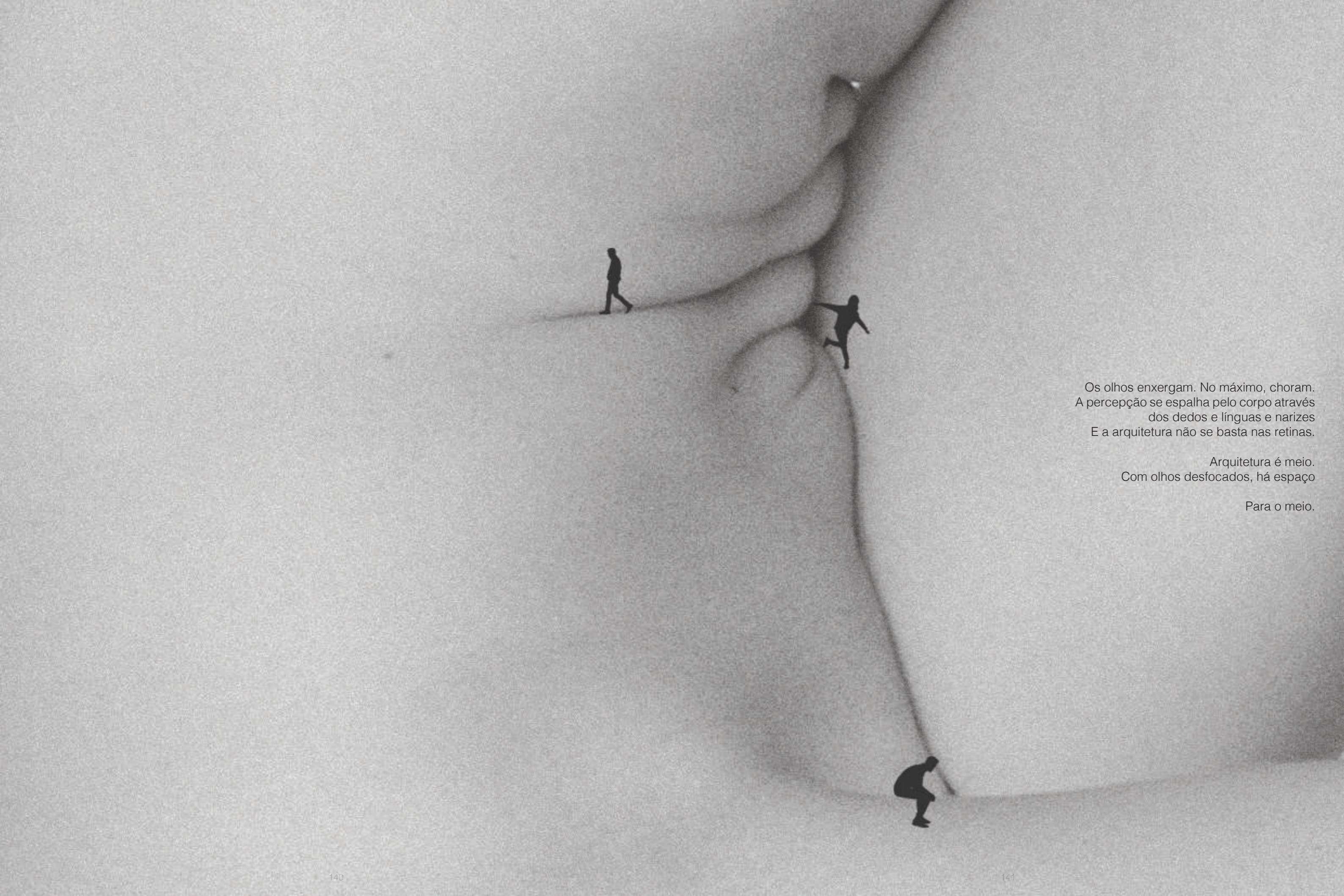
Precisei atravessar teias, trilhas, camadas, pedras, para enfim entender que a tradução que proponho na minha pesquisa, já é feita pelos meus olhos quando fotografo. Me observo pequena diante da camera. Enxergo as linhas dos corpos como grandes montanhas. Monumentais.

Corpo e arquitetura se finalizam como um.
Com todos os entres que os permeiam.
Entres que permanecem abertos. Cíclicos.
Esperando preenchimento
Pelo sopro do silencio

Ma

Imergir-se em experiência,
Atravessar o rio e queimar a ponte.
Permitir-se ser ponte.
Permeiar espaços em permanente estado de interdependência.
Indissoluveis.

O meio torna-se espaço
e arquitetura torna-se meio.
Em meio a tanto meio podemos
Sentir.



Os olhos enxergam. No máximo, choram.
A percepção se espalha pelo corpo através
dos dedos e línguas e narizes
E a arquitetura não se basta nas retinas.

Arquitetura é meio.
Com olhos desfocados, há espaço

Para o meio.

O corpo pode existir no espaço
Como pedra, como teia
Como terra, como ar
Como se dobra e tensiona
Pela trilha adiante
Um olho no túnel
O outro, a lembrar
Do que foi e há de ser
Em um mundo
Em que não existe
Fim.



E fica combinado
entre vida e matéria,
nós,
não suponho mais.

existo no espaço.
seja o que o espaço for.





A G R A D E C I M E N T O S

- Aline Couri
- Amanda Dias
- Andrea Zigoni
- Carlos Feferman
- Cristina Szwarcfiter
- Dodi Cardoso
- Francisco Cerchiaro
- Gabriel Martucci
- Gabriel Weber
- Gustavo Racca
- Jayme Szwarcfiter
- Joana Uchôa
- Marcela Rezende
- Mirella Cabaz
- Naima Vieira
- Nicolas Raposo
- Ricardo Barata

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTRIM, Ferreira, G. Escritos de Artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006

ELIASSON, Olafur. Playing with Space and Light. Ted Video, 2009

FUJIMOTO, Sou. Primitive Future. Contemporary Architects Concepts Series, vol 1. Inax 2008.

FUJIMOTO, Sou. "Reinventing the Relationship Between Nature and Architecture", Youtube, 2018

FUJIMOTO, Sou. Revista 2G, n. 50. 2009

PALLASMAA, Juhani. Os Olhos da Pele, A Arquitetura e os Sentidos. Bookman, Porto Alegre, 1 edição 2011.

OKANO, Michiko. MA: Entre-espço da Comunicação no Japão – um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente. Tese Doutorado – PUC, SP. São Paulo, 2007.

PONTY, Merleau. Fenomenologia da percepção. A. A. R. de Moura, Trad. São Paulo: Martins Fontes 1994 (Trabalho original publicado em 1945)

SINZATO, Yumi. MA, O Vazio Intervalar. Tese Mestrado – UDESC. Santa Catarina, 2015.

STRATICO, José Fernando. Lygia Clark - Narrativas sobre o Corpo, Salvador, Bahia, 2009

SUZUKI, Shunryu. Mente Zen, mente de principiante. Trad. Odete Lara. São Paulo: Palas Athena, 1999

TSCHUMI, Bernard. Arquitetura e limites I, II e III. Publicado em Artforum 20, n. 1, setembro 1981. Disponível em Uma Nova Agenda Para Arquitetura.

TSCHUMI, Bernard. "The Pleasure of Architecture", Architectural Design 47, n. 3, 1977, pp. 214-218.

WAINWRIGHT, Oliver. Junya Ishigami: I want to make the sky. The Guardians - Art and Design. 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
2021 | TFG 2 | ORIENTADOR: CARLOS FEFERMAN